

## **A HISTÓRIA DE VIDA DA FAMÍLIA NUM CONTEXTO ESCOLAR:**

**narrativas que revelam reflexos das experiências passadas na  
produção das vivências atuais<sup>1</sup>**

## **THE FAMILY'S LIFE STORY IN A SCHOOL CONTEXT:**

**narratives that reveal reflections of past experiences in the production of  
current experiences**

**JéssicaVELOZO da Silva<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho tem como tema a História de vida da família no seu contexto escolar que apresenta uma discussão sobre o lugar que a escola ocupa na narrativa da família. Tem como aporte teórico as concepções de autores como Mario Sergio Cortella, Paulo Freire, entre outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, empreendida através de entrevistas gravadas seguindo um roteiro semiestruturado, realizada com famílias do município de Sinop/MT entre os anos de 2022 e 2023. Aqui concluiu-se que a estrutura familiar econômica e emocional dos pais, afetam na produção das vivências dos filhos, como também a qualificação educacional dos mesmos.

**Palavras-chave:** História. Família. Relação. Escola.

**ABSTRACT<sup>2</sup>:** The theme of this work is the family's life story in its school context, which presents a discussion about the place that the school occupies in the family's narrative. Its theoretical basis is the conceptions of authors such as Mario Sergio Cortella, Paulo Freire, among others. This is a qualitative

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A HISTÓRIA DE VIDA ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA”, sob a orientação do Prof. Dr. Marion Machado Cunha - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/1

<sup>2</sup> Resumo traduzido por Profa. Ma. Priscila Ferreira de Alécio, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT, Sinop). Mestra em Letras (PPGLEtras – UNEMAT).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4180046703299436>

E-mail: [priscila.alecio@sou.ufmt.br](mailto:priscila.alecio@sou.ufmt.br)

study, carried out through recorded interviews following a semi-structured script, conducted with families in the municipality of Sinop/MT between the years 2022 and 2023. It was concluded that the parents' economic and emotional family structure affects the production of their children's experiences, as well as their educational qualifications.

**Keywords:** History. Family. Relationships. School.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo discute a história de vida da família tendo seu foco de análise o tempo escolar e o tempo de infância dos pais, abrindo espaço para discussão do lugar que a escola ocupa no movimento de presente-passado, e o que ela representa para essas pessoas.

Fui impulsionada a pesquisar essa problemática em questão por já ter trabalhado como estagiária em uma escola de ensino fundamental, e em conversa com alguns professores e coordenadores ouvi relatos de que um dos maiores desafios que eles enfrentam em seu dia-a-dia é a ausência dos pais na escola, que a interação entre a família e a escola é muito defasada.

Partindo desse ponto, relacionar tal problema a histórias de vida, nos permite fazer uma ligação do passado com o presente e entender que talvez as vivências passadas dos pais estejam de alguma forma, mesmo que indiretamente afetando na condução da vida escolar do filho aluno.

Os entrevistados que participaram da pesquisa foram duas mães e um casal, das mães, uma solteira e outra casada, mas que seu esposo não participou. Entretanto, para a construção desse artigo foram selecionadas as falas de apenas um dos participantes. Os presentes dados foram coletados entre os anos de 2022 e 2023 a partir de entrevistas gravadas seguindo um roteiro semiestruturado e, após, foi realizada sua transcrição para que fosse utilizada.

Este trabalho é de caráter qualitativo, e tem como aporte teórico autores como Mario Sergio Cortella, Maria Auxiliadora Dessen e Ana da Costa Polonia, entre outros.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos do pressuposto de que a instituição família, como dinâmica da vida das pessoas, enquanto promotora de experiências, sejam coletivas, de grupo, e individuais, ocorre um terreno histórico. Disso, então, podemos situar que a família só se institui como tal por ser sínteses dos fazeres humanos e está implicada, nessa forma, como campo da produção das experiências da pluralidade historicizada dos indivíduos.

Desta forma, para entendermos um pouco mais dessa instituição em movimento histórico, é fundamental situar que ela tem base organizativa, as relações de parentesco e laço afetivo, como uma propriedade constante de sua validação. A família emerge como um campo de experiências

organizadora das práticas sociais, dado ao fato de demandar determinadas organizações sociais e funcionalidades; uma estrutura e sistema, fundadas nas concepções de casa, lar, parentes, hierarquias dos sujeitos de parentescos, simbolizações, tais como: pai, mãe, filho, filha neto, neta, avô, avó. Essas simbolizações atuam para reconhecimento, pertencimento, identificação e atribuições de cada membro familiar.

Nessa direção, Dessen e Polonia (2007, p. 22) afirmam que:

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa.

Ou seja, a família atua no campo das reproduções humanas, cujo sistema deva atuar para compor as relações e práticas sociais, presentes e futuras. Assim como afirma Raquel Rufino Camargo (2023, p. 571-572):

A família é a primeira instituição que a criança tem contato, sendo assim, é nela que a criança deve ser acolhida, amada e instruída, é nela em que a criança aprende valores e comportamentos para o convívio em sociedade; logo, é inegável a contribuição da família para seu desenvolvimento. [...] A família é a primeira instituição que a criança tem contato, sendo assim, é nela que a criança deve ser acolhida, amada e instruída, é nela em que a criança aprende valores e comportamentos para o convívio em sociedade; logo, é inegável a contribuição da família para seu desenvolvimento.

O que se apresenta é um processo de socialização que interfere, estrutura e medeia a constituição dos sujeitos. Dito isso, podemos afirmar que as vivências passadas, acumuladas, reproduzidas se polarizam para a manutenção das experiências individuais e coletivas, ou seja, refere às vivências do grupo familiar, dos indivíduos que dela se instituem.

Ainda, vemos como a estrutura familiar sofre mudanças a medida como o tempo passa e a sociedade que se transforma, afetando assim de forma direta ou indireta nas construções das estruturas familiares e na forma de como conduzem a mesma, podendo ser de forma significativa ou não como

Dessen e Polonia (2007, p. 27) ainda afirmam “a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele”.

Já a escola, é um espaço educativo controlado e orientado por um conjunto de conhecimentos sob uma base racional, científico e cultural, de saberes institucionais e programáticos, dada por combinações de sistemas e etapas de aprendizagem.

Nessa instituição, o ambiente escolar é destinado ao ensino coletivo que tem como objetivo a educação escolar direcionada para atender o desenvolvimento cognitivo, psicológico, as socializações e os processos de acesso ao conhecimento científico e cultural da humanidade em suas mais variadas áreas de conhecimento, visando formar e desenvolver o intelecto, a cultura e o cognitivo de um sujeito denominado estudante, sob uma base de uma estrutura e sistemas, normatizado e legislado por normas, decretos, leis, tutelado pelo Estado, como força de relações e práticas de seus sujeitos. Sobre as instituições família e escola, Dessen e Polônia (2007, p. 22) afirmam:

Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

Seguindo essa linha de raciocínio, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento pessoal, a criança carrega consigo o que aprende nos lugares que ela frequenta, ou seja, a família como ambiente primário e a escola como ambiente secundário são os principais pilares para o desenvolvimento dela como cidadã, por isso se torna indispensável que os dois grupos trabalhem em conjunto, assim como afirma Cortella (2015, p. 63): “[...] em termos de formação, a escola, sem parceria com a família não consegue eficácia. Construir uma sólida base teórica, com formação de cidadania e solidariedade social, exige um esforço mais fundo, forte e agregador”. Isto significa que uma é dependente da outra, portanto não cabe centralizar a responsabilidade somente a um dos grupos.

Cortella (2015, p. 63) ainda afirma que “Pais e mães, ou outros responsáveis adultos, quando colocam crianças e jovens nas escolas, estão repartindo a tarefa educativa, mas é sempre bom lembrar que descentralizar as ações não implica eximir-se das responsabilidades. Em outras palavras, pode-se transferir poder, jamais responsabilidade”. Isto quer dizer que os pais como principais membros familiares e também principais transmissores de princípios, valores, e educação não se deve isentar-se de suas obrigações e responsabilidades, é necessário que haja comunicação entre ambas as partes, como afirma Paulo Freire em seu livro *Professora, sim; Tia, não* (2013, p.21-22):

Na educação, assim como no ensino em todos os seus passos, é indispensável o diálogo entre todos os participantes do processo educativo-docente. Entretanto, todos são pessoas e indivíduos existencialmente e historicamente vinculados ao conjunto de suas relações na sociedade e no mundo. Os diferentes modos de se vincularem os fazem diferentes e os possibilitam assim a contribuírem, a seu modo na complexa construção do todo social e de sua própria existência.

Por fim, entre a interação família e escola há uma linha que não pode ser rompida, o vínculo se faz necessário para a construção do futuro, certo de que o futuro depende de um passado para existir, e um presente que a cada minuto são construídas mediações que se fazem presentes determinam o futuro que estamos construindo. As crianças de hoje são o futuro da humanidade. Em resumo, a escola e a família como principais mediadores e detentores da condução do filho aluno, são responsáveis pelo tipo de adultos que esses alunos irão se tornar, subsequentemente, que tipo de pais irão se tornar para seus filhos.

### 3 METODOLOGIA

Compreender o passado nos abre uma janela de oportunidades que nos possibilita perceber o lugar que a escola ocupa no tempo presente.

Seguindo a linha da concepção em estudar as histórias de vida, a abordagem se deu por meio da oralidade conduzida por uma entrevista sob a metodologia História de Vida. Buscou-se entender e compreender as influências e os impactos que a escola no tempo passado combina com o tempo presente, em que o filho ou filha se tornaram mãe ou pai, agora conduzindo a prole.

A pesquisa foi realizada na cidade de Sinop-MT em meados de 2022 e 2023, tendo seus dados coletados no ano de 2023, da qual a participante autorizou por meio do termo de consentimento o uso de suas falas para fins dos estudos acadêmicos contidos nesse trabalho, porém será preservada a identidade da mesma, sendo apresentada pelo nome fictício de Bia.

Após a coleta de dados e a sua transcrição na íntegra, foram feitos recortes das falas dos participantes, para realizar a sua análise de forma mais precisa e assim chegar aos resultados desejados.

### 4 RESULTADOS

Ao acompanharmos a entrevista da pesquisa, é possível mergulhar no contexto das experiências da família com relação entre a educação e a escola; uma relação em que o presente está em constante relação com o passado.

Durante a narrativa da entrevistada se torna notório que as histórias de vida refletem em percepções de contextos plurais de vida, de historicidades sobre os tempos de escolas que não é homogênea, tampouco igual. Bia, mãe de 6 filhos, nasceu no estado do Maranhão e durante a entrevista

ela descreve como eram as escolas em seu povoado no tempo em que morou lá, antes de se mudar para a cidade de Sinop. Bia menciona duas escolas que estudou, uma quando morava com sua avó e a outra no tempo em que morou com sua mãe, onde lá ela estudou somente seis meses e foi expulsa da escola por não ter documentos, sendo um deles a própria certidão de nascimento:

**(01) Bia:** [...] sentava naqueles bancos de 2 forquilha e uma madeira no meio, então era os bancos da escola que tinha [Entrevistadora: não tinha cadeiras separadas?] Não, era banco, é tipo esses madeira tipo tentava cortar elas e fazer tipo banco, mas era uma madeira em cima de uma Forquilha [...] caminhando 6 km para poder chegar lá e ter uma professora pra ensinar, né, o caminho da educação. Então assim, é foi muito precário, foi muito difícil [...] a escola do Dom Luiz Marelin, que era lá no povoado Descanso [...] Aí depois que minha vó morreu, eu cheguei morar com minha mãe já depois de que eu ia fazer 10 anos, 11 anos, mais ou menos isso, não me recordo muito da idade. E eu passei morar com minha mãe. Depois eu comecei a estudar. A escola do município que era o povoado Descanso já não era o povoado onde eu morava [...] (Entrevistadora: lá tinha lanche pra vocês, como que era?) Na outra que eu fui que eles não me aceitaram, 6 meses, tinha lanche, já foi a escola mais moderna, a gente tinha recreio, já tinha pátio na escola, tinha corredor. Na outra não tinha, isso que era do meu povoado. Era só duas sala, o banheiro, calçada [...] era só um barraquinho, metade da parede [...].

Percebemos o lugar onde eram ministradas as aulas que Bia frequentava como um ambiente de condições bem precárias, onde ela afirma sobre não ter nem mesmo lanche para os alunos. No decorrer de sua narrativa Bia ainda faz menção dos desafios que por ela eram enfrentados diariamente para conseguir estudar, e situa brevemente sobre sua criação:

**(02) Bia:** Então, eu fui uma menina que fui criada num local de interior né, era uma zona rural e lá eu conheci três casa, três família, que seria a minha avó e dois tios [...] três famílias no local, que não tinha água encanada nem energia elétrica [...]. Então foi lá um pouco do meu crescimento, foi onde eu reconheci família né, então quando eu comecei a estudar foi bem, bem difícil porque eu não tive oportunidade de ter ônibus escolar, bicicleta para pedalar aí seria 6 km pra mim ir pra escola, eu atravessava riacho que é tipo “córregozinho” e andava tipo os livro mesmo num saquinho de arroz na sacola [...] Eu contava muda de roupa que eu tinha que ir, eu não tinha uniforme, eu nem entendia o que que era o uniforme [...] Então é a minha infância pra minha adolescência, foi meio que perturbada. Foi bem difícil pra hoje, eu vejo como é que é diferente.

Em sua narrativa, Bia nos apresenta uma história de vida caracterizada pelo sofrimento, onde lamenta por não ter tido mais oportunidades durante a infância e adolescência, ela ainda relata que as mudanças de casa eram constantes e conseqüentemente a mudança de família, resultando numa carência de um lar próprio que ela pudesse chamar de seu, que a desse amor, proteção e condições básicas para o desenvolvimento de qualquer criança de sua idade. Sobre isso podemos destacar a ideia de Cortella (2015 p. 11) sobre o que se faz necessário para uma vida digna:

O que é uma vida boa? Não é vida com ostentação. É uma vida abundante, na qual haja trabalho digno, moradia saudável, amorosidade acolhedora, sexualidade livre, religiosidade não alienante, isto é uma vida sem carências. Segunda parte da sentença: o que são todas e todos? Todas e todos. Qualidade social é quantidade total. Porque qualidade individual não é qualidade, é privilégio.

Seguindo a linha de raciocínio de Cortella percebemos que a vida durante a infância de Bia era totalmente o oposto do pensamento que o autor propõe como digna, nisso Bia ainda menciona sobre o quanto sofreu com abusos psicológicos e físicos no tempo em que morou com sua mãe, a carência de apoio, carinho e cuidados de seus tutores. Ela afirma que mesmo que tenha sofrido muito não se tornou uma má pessoa pelo ocorrido, mas que sofre com as consequências disso até hoje. É nítido suas angústias quando ela descreve essa parte da história da sua vida:

**(03) Bia:** (entrevistada chora) [...]tudo que eu passei eu deveria ser uma pessoa ruim hoje. No tempo que eu fui morar com minha mãe foi o tempo que eu... que acabou a minha adolescência, minha juventude, foi o tempo que eu fui muito abusada, então chegou um tempo de eu não suportar mais, eu não tinha coragem eu não lembro o que me fazia ter medo de falar, não lembro, isso apagou da minha mente[...]A minha convivência familiar foi muito sem apoio [...] Só fui rejeitada, até hoje eu tenho um bloqueio de rejeição [...] Então eu fiquei uma menina muito de uma casa pra outra [...] Então eu sofri muito, depois passei morar na casa dos tios, eu era muito humilhada pelas esposas dos tios, eu cuidei de drogado, fui humilhada, fui negado comida. Meu nome mais bonito que eu recordo era Negão, nega imunda, macaca era os nome que eu tinha de carinho.

Bia é uma pessoa que teve sua infância muito abalada pela ausência de afeto, cuidados e proteção, visto que a criança como ser humano em construção que está em constante desenvolvimento, as vivências, principalmente as vividas com a família e mais especificamente com os pais, podem ocasionar reflexos em seu comportamento na vida adulta e conseqüentemente esta será refletida sob seus filhos, assim como afirmam Dessen e Polonia (2007, p.24) “Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa”. Seguindo a mesma linha de raciocínio Dessen e Polonia (2007, p. 24) ainda afirmam “pais punitivos e coercitivos podem provocar em seus filhos comportamentos de insegurança, dificuldades de estabelecer e manter vínculos com outras crianças, além de problemas de risco social na escola e na vida adulta”.

Agora seguindo com sua narrativa sobre seus filhos, ela descreve:

**(04) Bia:** Mas é, é os meus filhos sempre incentivei eles estudar. Falei gente um dia vocês ainda vão precisar. Tem 2 que não está na escola que é a Patrícia e meu filho Gustavo. [...] Depois não quiseram ir para a escola, e eles te deram um motivo assim?] Não, meu filho era um bambambã na escola, isso

era chamado atenção e foi cansando, aí ele não quis mais. Tipo, eu desisti um pouco, entendeu? De incentivar, porque estava me cansando, né? Patrícia foi quando a gente mudou pra cá, a desculpa que perdeu uma matéria e não passou e ficou criando parada. Aí depois foi desligando e desligando eu até hoje eu brigo. Aí tentei ela aí no Sesi, aí ele manda mensagem até hoje o professor, para fazer a distância, eu falei Gustavo faz, faz a matrícula a distância, vai fazendo a distância, aí ele manda mensagem toda semana, que tem prova, vamos continuar? É assim. As meninas, eu tenho pavor de briga com o pai delas porque ele chega aqui às vezes quer mandar, não vai pra escola hoje e eu tenho pavor de faltar na escola. Não gosto que falta. Então eu incentivo o máximo deles. As meninas chegam, tem hora que me pedem ajuda. Eu tento ajudar [...] quando eu não consigo, vai tirar junto com a leitura, com os alunos, porque eu não consegui, mas elas me pede.

Diante da fala de Bia podemos constatar que ela vê a escola como uma instituição importante na vida dos filhos, mesmo que dois deles não queiram mais estudar. Podemos perceber esse detalhe diante do fato dela estar constantemente incentivando os filhos a retomar os estudos, quando ela diz: “gente um dia vocês ainda vão precisar” nos mostra que ela acredita que para ter uma melhor qualidade de vida é essencial que tenha pelo menos o nível básico de educação que é o ensino médio, percebemos também que ela se mostra disposta a ajudar os filhos no que eles precisarem diante dos conteúdos escolares, mas que nem sempre consegue.

Em meio a essa questão abriu-se espaço para questionamento sobre o envolvimento dela na escola, ou seja, sua participação como responsável dos demais filhos que estão frequentando a escola normalmente, Bia pontuou:

**(05) Bia:** Sim, direto. Agora eu tive uma reunião que estão a uma semana de disciplina dentro da sala de aula, sem sair para o recreio, com psicólogo por causa de comportamento de 8 dos alunos, se eu fui chamada lá é porque minha filha faz parte um pouquinho desses alunos. Então fui para reunião e eu concordei que seria ótimo eles ficarem em disciplina sim [...] então, eu aplico sempre um regimento em casa quando acontece isso. Mas o que eu fui mais chamada atenção na escola foi meu filho, as meninas não deram muito trabalho. [Entrevistadora: Mas é tipo, você não precisa necessariamente ser chamado na escola pra você ir lá, você vai por conta própria mesmo para saber como que estão, para conversar, pra ter um acompanhamento?] As vezes sim, apareço do nada, quando eles me chamam sempre eu não falo não. Sempre tem um... tem um tipo, hoje é dia de entrega de boletim, eu sempre guardo pra receber o outro e comparar as notas, inclusive, tô aqui com o último. [...] Aí eu tento ver essas notinhas pra poder cobrar pro outro, porque que caiu porque diminuiu.

Bia relata que era chamada frequentemente para ir até a escola mais necessariamente pelo comportamento de seu filho Gustavo, que já foi chamada por causa das meninas também, entretanto era ele quem os professores chamavam mais a atenção. Bia ressalva que pensa sobre os filhos terem que aproveitar a oportunidade de estudar quando ainda moram com os pais por terem o privilégio de se abster do trabalho e das dificuldades enfrentadas cotidianamente na vida adulta e assim focar somente nos estudos, isso se torna ainda mais claro quando ela diz:

**(06) Bia:** [...] eu cobro [...] você não tem responsabilidade de trabalhar fora, então o estudo é pra vocês focar, se tá dentro de casa, aproveita estudando, ler algum livro, alguma coisa, podendo não ficar só na rotina normal, ou então vocês vão mexer no celular, assistir televisão? [...].

Diante da sua fala, notamos que ela vê a educação como indispensável, pois, a todo momento tenta alimentar a ideia em seus filhos que eles precisam dos estudos para ter uma condição de vida melhor. Nessa perspectiva, em sua fala, pode-se perceber o entrelaçamento da família e da escola tanto na reprodução quanto na transformação dos processos sociais e históricos. As experiências do passado atuam não somente na posição que o sujeito atua, mas na leitura de realidade na qual está mergulhado em seu presente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a concepção de histórias de vida no sentido reflexivo entre presente e passado, mesmo que para a elaboração desse trabalho tenha sido focado somente em uma das entrevistadas, já é possível identificar alguns pontos que sustentam a ideia de que as vivências passadas influenciam, mesmo que indiretamente, o tempo presente das pessoas.

Em relação a entrevistada, pode-se notar em sua narrativa que a mesma vem de uma família um tanto que desestruturada, não se limitando somente a questão econômica, mas também em sua forma emocional, caracterizando uma vida sem apoio familiar, o que dificultou ainda mais a sua trajetória escolar.

Suas vivências conturbadas, ocasionaram em uma pessoa que hoje tem dificuldades para lidar com questões emocionais. Ainda é cabível mencionar que seus problemas de aprendizagem se intensificaram ainda mais pela carência de apoio familiar e pela dificuldade econômica da sua família.

Contudo, hoje em dia ela tenta ajudar os filhos com os afazeres da escola, porém na maioria das vezes não consegue, que é justificado não por falta de vontade, mas por ser incapaz de auxiliar os filhos como gostaria devido à falta de entendimento dos conteúdos. Percebe-se também que ela tenta acompanhar o rendimento dos filhos na escola como pode, visto que ela é mãe solteira e cuida dos filhos sozinha, o que dificulta ainda mais o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos. Entretanto, mesmo com as adversidades que tenha experienciado no passado ela leva isso como força impulsionadora para lidar com adversidades do cotidiano, pois, entende a educação escolar como determinante do processo de formação e relações com a vida.

A partir de sua fala é exemplificado o entrelaçamento da família e da escola tanto na reprodução quanto na transformação dos processos sociais e históricos. Nesse sentido as mediações de presente-passado se combinam e se transformam, mudanças ocasionadas a partir do entrelaçamento das experiências que são produzidas pela força da história.

## REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Raquel Rufino. A importância da participação dos pais na educação: perspectivas de escolas privadas e públicas em Sinop. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 570–578, 2023. DOI: [10.30681/reps.v14i3.11980](https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/11980). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/11980>. Acesso em: 24 maio 2024.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2007, v. 17, n. 36, pp. 21-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança!**. São Paulo: Cortez, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Recebido em: 3 de junho de 2024.

Aprovado em: 18 de junho de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/12607>

---

<sup>i</sup> **Jéssica Velozo da Silva**. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2024/1. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

*Curriculum Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/4570490437405820>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5744-074X>

E-mail: [jessica.velozo@unemat.br](mailto:jessica.velozo@unemat.br)